



Universidade Federal do Rio Grande - FURG

Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental

Revista do PPGA/FURG-RS

ISSN 1517-1256

Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental

As canções de Antônio Baiano na promoção da Educação Ambiental: expressão de luta, religiosidade e amor pela natureza

Luciene Francisco Vieira¹
Colégio Estadual Dr. Vasco dos Reis Gonçalves
<https://orcid.org/0000-0002-6590-8912>

Wender Faleiro²
Universidade Federal de Catalão.
<https://orcid.org/0000-0001-6419-296X>

Resumo: A Educação Ambiental é um tema amplamente discutido, contudo, muitas vezes, é trabalhada em desacordo com a lei nº 9.795/99, tendo em vista a necessidade de a EA ser realizada de forma politizada e crítica, para que o aluno vá além da sala de aula e coloque em prática o que foi aprendido. Assim, neste estudo qualitativo apresentamos a análise de 29 letras das canções do compositor e cantor popular Antônio Baiano, demonstrando como o discurso do eu lírico retrata a luta pela terra, a religiosidade e a defesa da natureza, e possibilita aos professores e formadores de professores a utilização das mesmas na promoção da EA como tema transversal. Partindo do princípio de que a EA é uma questão, também, política e social, e as canções apresentam um discurso consciente, que nos convida a refletir sobre o poder do capitalismo, que reina (e sempre reinou) em nosso país, tornando a nossa sociedade uma sociedade desigual e sofridora.

Palavras-chave: Música, Educação Ambiental, Canção Popular.

**Las canciones de Antônio Baiano en la promoción de la Educación Ambiental:
expresión de lucha, religiosidad y amor por la naturaleza**

¹ Licenciada em Letras Português pela UFG – Regional Catalão; Tecnóloga em Gestão Ambiental pelo IFG – Campus Urutaí; mestre em Educação pela UFG- Regional – Catalão. Atualmente é professora efetiva do estado de Goiás no Colégio Estadual Dr. Vasco dos Reis Gonçalves. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa e Extensão em Ensino de Ciências e Formação de Professores – GEPEEC. E-mail: lucienevieir@hotmail.com

² Licenciado e Bacharel em Ciências Biológicas, licenciado em Pedagogia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU); mestre em Ecologia e Conservação de Recursos Naturais e Doutorado em Educação pela UFU. Pós Doutor em Educação (ênfase Educação do Campo) pela PUC-GO. Atualmente é Professor da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação - Universidade Federal de Catalão. Líder Grupo de Pesquisa e Extensão em Ensino de Ciências e Formação de Professores – GEPEEC/UFCAT-CNPq. E-mail: wender.faleiro@gmail.com

Resumen: La Educación Ambiental es un tema ampliamente discutido, sin embargo, a menudo se resuelve en desacuerdo con la Ley N ° 9.795 / 99, en vista de la necesidad de que la EE se lleve a cabo de una manera politizada y crítica, de modo que el estudiante vaya más allá del aula y poner en práctica lo aprendido. Así, en este estudio cualitativo, presentamos el análisis de 29 letras de las canciones del popular compositor y cantante Antônio Baiano, demostrando cómo el discurso del yo lírico retrata la lucha por la tierra, la religiosidad y la defensa de la naturaleza, y capacitando a maestros y formadores de maestros su uso en la promoción de AE como un tema transversal. Asumiendo que EA también es un tema político y social, y las canciones presentan un discurso consciente, que nos invita a reflexionar sobre el poder del capitalismo, que reina (y siempre ha reinado) en nuestro país, haciendo nuestra sociedad una sociedad desigual y sufriendo.

Palabras-clave: Música, Educación ambiental, Canción popular.

The songs of Antônio Baiano in the promotion of Environmental Education: expression of struggle, religiosity and love for nature

Abstract: Environmental Education is a widely discussed topic, however, it is often worked in disagreement with Law No. 9,795 / 99, in view of the need for EA to be carried out in a politicized and critical way, so that the student goes beyond classroom and put into practice what has been learned. Thus, in this qualitative study we present the analysis of 29 lyrics of the songs of the popular composer and singer Antônio Baiano, demonstrating how the lyrical self's discourse portrays the struggle for land, religiosity and the defense of nature, and enabling teachers and teacher trainers their use in promoting AE as a cross-cutting theme. Assuming that EA is also a political and social issue, and the songs present a conscious discourse, which invites us to reflect on the power of capitalism, which reigns (and always has reigned) in our country, making ours society an unequal and suffering society.

Keywords: Music, Environmental Education, Popular Song.

Introdução

O mundo passa por várias transformações sociais, econômicas e ambientais. No que tange às problemáticas ambientais, elas têm ocorrido de forma desenfreada e têm levado a sociedade civil a repensar suas ações, e dela cobrado posições mais severas e rápidas dos setores governamentais. Devido às perdas sofridas e às mudanças climáticas que estão ocorrendo de forma cada vez mais rápida, muitas conferências, reuniões e leis têm sido criadas para se discutir formas de amenizar ou diminuir essa problemática. Um exemplo são ações voltadas à educação.

No âmbito da educação, na Conferência de Tbilisi, ainda no ano de 1977, já se alertava para a necessidade de se trabalhar com a Educação Ambiental (EA). Nessa Conferência a EA foi compreendida como princípio de tomada de consciência, conhecimentos, atitudes, habilidades e também de capacidade de avaliação e participação (SORRENTINO, 1998, p, 24). Nela ficou definida a importância de se trabalhar a EA tanto em espaços de ensino formais, quanto informais e não formais.

Para nos ajudar a definir tais espaços, utilizamos a definição de Leonardi (1999, p.

445), que define “ambientes formais” como sendo as escolas, os “não formais”, exemplificados pelos sindicatos, ONGs, empresas, secretarias de governo, associações de classe, museus, zoológicos, igrejas; e, *informais*, meios de comunicação. A EA pode e precisa ser trabalhada nesses vários ambientes, como forma de conscientização e conhecimento, seja por meio lúdico ou meio formal de ensino.

O grande marco da EA em espaços não formais, segundo Gohn (2008, p. 104), foi no início da década de 1990, em que as grandes transformações no cenário político, econômico e social, bem como a grande demanda de pessoas qualificadas para o mercado de trabalho, fizeram com que as aprendizagens de habilidades extraescolares se tornassem muito importante na formação de sujeitos para o novo mundo.

No Brasil a EA é definida pela lei nº 9.795/1999 como sendo “os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente”. Pode-se perceber que a EA, mesmo sendo colocada como forma de conservação, de preservação, não exige a importância do ser humano como corresponsável, tanto no campo individual, quanto no campo coletivo, pelas questões ambientais e de sustentabilidade, ou seja, pela atuação em seu meio, com ações efetivas em prol do meio ambiente.

O artigo 13, dessa mesma lei, trata do âmbito não formal da Educação Ambiental, definindo-o como “as ações e práticas educativas voltadas à sensibilização da coletividade sobre as questões ambientais e à sua organização e participação na defesa da qualidade do meio ambiente”. Partindo-se do princípio de que a EA pode ser trabalhada, tanto nos âmbitos formal quanto informal, é que se volta o olhar para os sujeitos e seus meios. Muito do que se tem de produção, que pode ser utilizado como subsídio para práticas de EA, é construído fora do ambiente escolar, por meio de vivências diárias, de participação em movimentos sociais, religiosos, e, até mesmo, diante da situação vivida.

A partir do pressuposto de que o homem é fruto do seu meio, o artista expõe ludicamente, por meio, por exemplo, da pintura, das artes plásticas e da música, aquilo que sente, vive e vê. A música, segundo Silva (2010, p. 08), “... é importante na vida dos seres humanos, ela tem um papel fundamental no processo de socialização”. Dessa forma, observa-se que o meio ambiente sempre foi/é retratado e relatado por muitos compositores. Nunes (2005, p. 41) diz que “... o meio ambiente é temática musical, e das artes em geral, acompanham as variações de representações que se desenvolvem ao longo dos anos.” A

música é a expressão de sentimentos e emoções do ser humano, é denúncia, exerce um valor educacional, faz chorar e faz sorrir, mas, principalmente, faz refletir.

“A música está intrinsecamente relacionada a esse aspecto social, ela pode ser estudada enquanto sua função representativa e sob a perspectiva de representações sociais” (NUNES, 2005, p. 50). A música é “... uma linguagem reflexiva-afetiva é uma expressão do pensamento afetivo e sua função é simbólica que revela e traduz uma época, um fato, ou outro objeto qualquer” (MAHEIRIE, 2003, p. 148). O compositor extrai do ambiente em que vive a inspiração e elementos para fazer suas composições. Dentro da comunidade, dos movimentos sociais, a música se constitui numa expressão (num grito de socorro ou de esperança) pela busca dos direitos do povo.

O eu-lirico analisado, popularmente conhecido como Antônio Baiano nasceu como Antônio Pereira de Almeida, no dia 25 de setembro de 1962, no Oeste da Bahia, numa região chamada Brejão, no município de Coribe, atualmente vive com sua família em Orizona, uma pequena cidade do interior de Goiás. O militante Antônio Baiano luta pela libertação de seu povo e pela preservação do meio ambiente, autor de músicas que denunciam a destruição da natureza. Como cantador popular, Baiano vive no meio do povo e da luta do povo. A cultura popular é presença constante em sua vida. E, se tem cultura popular, tem Educação Popular, e suas canções acabam sendo um recurso de Educação Popular, mesmo entrelaçado aos demais temas de que fala, de que discute.

Assim, neste estudo apresentamos a análise das letras das canções de Antônio Baiano, demonstrando como o discurso do eu-lírico retrata a luta pela terra, a religiosidade e a defesa da natureza, possibilitando aos professores e formadores de professores a utilização das mesmas na promoção da EA como tema transversal.

Metodologia

A presente pesquisa é de cunho qualitativo e, se apoia no Materialismo Histórico Dialético na busca de alcançar a essência das relações, dos processos e das estruturas, através da análise do objeto de estudo e das representações ideológicas ou teóricas construídas. Usar esse método em pesquisas na área da Educação é buscar desvendar a realidade estudada ao passo que seus resultados consistam também em meios teóricos que guiem as ações de transformação da realidade social.

Nessa direção, o método proporciona estudar a obra de Antônio Baiano, alcançando os objetivos propostos para este estudo. As canções de Antônio Baiano são

resultados de sua vida vivida em comunidade e movimentos sociais, do seu contato com as desigualdades sociais e da sua visão de um mundo desigual que precisa ser olhado de uma forma diferente. Analisar as letras que apresentam o conteúdo ambiental é analisar uma parte de um todo, de uma sociedade capitalista, que devasta a natureza sem pensar nas consequências futuras.

Assim, a pesquisa se constrói numa visão de natureza dialética, também denominada naturalista, em que “o investigador frequenta os locais em que naturalmente se verificam os fenômenos nos quais está interessado, incidindo os dados recolhidos nos comportamentos naturais das pessoas” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p.17). Segundo os autores, é uma investigação de natureza descritiva na qual os pesquisadores têm um interesse maior no processo e nos seus significados do que nos resultados ou produtos.

Foram analisadas 29 letras das canções, compostas por Antônio Baiano, as quais compõem seus dois CDs, intitulados: 1) *Em canto pela terra*, disponível no link: <https://youtu.be/2HHFEvFF0gQ> e, 2) *Horizontes*, disponível no link: <https://youtu.be/8sXr44BO7gE>. Todas as letras foram transcritas e organizadas em tabelas nas quais foram nomeadas de L1 a L29, com objetivo de classificá-las por temas e identificar as que possuem temática ambiental. Feita a transcrição e a nomeação das letras observou-se por meio de várias leituras o discurso presente e a temática discutida. Pode-se perceber que o discurso do compositor trás nas entrelinhas do seu texto palavras movimento, um movimento do autor pensante, que traduz através da poesia/ canção, sentimentos de amor, dor, alegria, revolta, denúncia e defesa.

Antes de fazermos a análise do discurso, fizemos a análise do conteúdo das canções, no intuito de identificarmos as Unidades de Registro (UR). Segundo Franco (2008, p.41), “a Unidade de Registro é a menor parte do conteúdo, cuja ocorrência é registrada de acordo com as categorias levantadas”. Nesse estudo utilizamos as Unidades de Registro divididas em categorias criadas por Duarte *et al.* (2016, p. 64/65), que, na visão dos autores, pode ser um tema, uma palavra ou frase. Assim que foram identificadas, tanto as temáticas presentes nas letras das canções e as URE (tanto as de DUARTE *et al.*, 2016) quanto as criadas para o presente estudo, fez-se para a análise do discurso, da ideologia defendida por Antônio Baiano, e da denúncia presente nas suas poesias cantadas, ou seja, o que o texto significa. Ressaltamos que foram seguidos todos os procedimentos éticos previstos para realização de pesquisa com seres humanos, com aprovação do poeta Antonio Baiano e do CEP/UFG sob nº 3.099.030/2018.

Resultados e Discussão

A organização da análise adota o seguinte percurso metodológico: as letras de músicas dos dois CDs pesquisados foram digitalizadas e encontram-se em anexo. Cada CD foi analisado, e as letras receberam a nomeação de L1, L2, L3... Sucessivamente. Depois cada canção foi analisada para verificar qual a temática predominante.

Após a análise, tem-se a classificação das letras do CD 1, *Em canto pela terra*, nomeadas de L1 a L16. Depois da classificação e da nomeação, houve a seguinte distribuição: as letras L1, L4, L8, L9 e L10 são classificadas com a temática *Luta pela Terra*, porque sua letra apresenta o apelo do povo trabalhador pela divisão e posse da terra, além de mostrar a união desse povo que caminha junto, em busca de seus direitos e da tão sonhada Reforma Agrária.

As letras L2 e L3 apresentam a temática *Ambiental*. São letras em que o autor trata da destruição da natureza. Mais uma vez, o compositor traz o capitalismo como responsável por essa destruição, que, com sua agricultura comercial, tudo destrói, no intuito de ganhar dinheiro sem pensar nas consequências para o futuro da humanidade.

Nas letras L5, L6 e L7 encontra-se a temática *Política*. São canções em que o autor traz questionamentos sobre o poder político do Brasil, que só prioriza os empresários, donos do capital, esquecendo-se dos menos favorecidos. Nessas composições há uma preocupação do autor em mostrar a desigualdade social, que só piora com a falta de preocupação dos políticos e a alienação do povo, que se deixa levar pelas promessas não cumpridas.

Nas canções L11, L14, L15 e L16 temos a temática *Religiosa*. São letras de agradecimento a Deus e, ao mesmo tempo, que apresentam convite à luta pelos direitos. O autor mostra o valor que cada caminheiro tem ao dizer que cada um é “sal da terra” e, se somos sal, é nossa função dar sabor ao lugar onde vivemos e à luta que empreendemos. Na música intitulada *Voz de criança*, o eu – lírico, é uma criança agradecida por ter sido criada e se compara a uma flor. Uma composição singela que mostra a importância da gratidão em todos os momentos e circunstâncias de nossa vida.

Já o CD 2, *Horizontes*, apresenta letras com as mesmas temáticas do CD 1 *Em canto pela terra*, porém, com acréscimos de temáticas diferentes. Da mesma forma que no CD 1, no CD 2, as canções foram nomeadas. No primeiro CD, as canções foram nomeadas até L16, e iniciamos a nomeação do segundo CD com L17 até L29, sendo a classificação, a

saber: As letras L17, L20, L21, L25, L28 e L29 classificadas como *Religiosa*. São composições que mantêm o mesmo estilo, pois, nelas o autor convida o povo a celebrar a vida e lembrar-se dos oprimidos que precisam de ajuda e de oração. A L19 traz a temática *Droga*, nesta canção, o autor faz apelo aos jovens para que eles não usem drogas, que lutem por seus sonhos sem destruir suas vidas por meio do uso delas. As L18, L22 e L23 apresentam a temática *Política*. Em uma de suas canções o autor convida as mulheres a se unirem e lutarem por seus direitos.

A L24 é a única no CD Horizontes que apresenta temática *Ambiental*. Através de sua letra, o autor mostra a importância da valorização da natureza, porque, de acordo com ele, nós e a natureza somos seres únicos. A L26 apresenta como temática a *Educação*, nessa canção o compositor fala da pedagogia usada nas escolas família com sua Pedagogia da Alternância, que traz a esperança de uma educação libertária.

A L27 traz a temática *Luta pela Terra*, o autor fala da alegria de ter a terra conquistada, depois de muita luta e caminhada. Diferente do primeiro CD, em que ele clama pela terra, nesse momento, ele mostra o trabalhador, que já conquistou sua terra.

Como cada canção foi classificada de acordo com a temática apresentada, ter-se-á agora a análise das letras, lembrando que nossa prioridade é a Educação Ambiental permeada nas letras, no entanto, essa Educação Ambiental é construída a partir da questão política, social e religiosa, que se faz presente na vida do compositor.

O clamor pelo direito a terra nas músicas de Antônio Baiano

Conforme os dados citados acima as letras L1, L4, L8, L9 e L10 do CD 1 (*Em canto pela terra*) e as letras L27 do CD 2 (*Horizontes*) são classificadas com a temática *Luta pela Terra*. A canção *Lamento do Povo* (L1) traz o clamor do povo pela posse da terra: “Clamando pela posse da terra/ No campo milhares estão/ esse grito está incomodando/ A quem sempre viveu/ Da exploração”, a posse da terra que incomoda ao latifundiário, que, com suas grandes propriedades, mostra seu poder e seu domínio sobre os menos favorecidos, que contrata o agricultor como empregado e tira dele, ao pagar míseros salários, o direito de ter sua própria terra. Outro problema gerado pelos grandes latifúndios é a destruição em massa do meio ambiente, Andrades e Ganimi (2007, p. 50) explicam que “O processo de modernização na agricultura acentuou a extinção de espécies, tanto animais, quanto vegetais, por ter se dedicado a produtos, economicamente mais rentáveis”.

A hegemonia capitalista, que não considera a terra um direito social, leva à

exploração da natureza. Essa hegemonia, imposta pelos grupos capitalistas, tem aumentado o latifúndio, buscando torná-lo, cada dia mais, um bem rentável, que satisfaça os interesses e necessidades desse grupo. Hoje é comum ouvirmos a palavra agronegócio, e, muita gente, não percebe que esse agronegócio nada mais é do que o latifúndio com outra nomeação. A camuflagem do nome não camufla a ação devastadora. Pessoa e Rigoto afirmam que

O crescimento econômico brasileiro, entendido por muitos como gerador de melhoria de qualidade de vida, tem fomentado a expansão das fronteiras agrícolas, o agronegócio de soja, cana, celulose, carne, camarão e frutas. Isso acarreta a incidência pouco integrada de numerosos projetos setoriais sobre os territórios, propiciando o uso intensivo dos bens naturais e favorecendo a reprodução das desigualdades regionais e sociais (PESSOA e RIGOTO, p. 01, 2012).

O latifúndio se apossa da terra não mais só para plantar lavouras, mas para fazer as pastagens, uma devastação em grande escala, que não se preocupa com a natureza. “Agro é pop, agro é tudo” (Propaganda veiculada pela Rede Globo de televisão no ano de 2019. Nela frases como AGRO é POP, AGRO é tudo, são proferidas e escritas, enaltecendo a agricultura de extensa), assim diz a propaganda, no entanto, esse *pop* é devastador ao meio ambiente, de vidas.

Na canção *Minha Terra Sumiu* (L4), o eu - lírico traz a questão do êxodo rural. As propagandas que divulgam uma qualidade de vida melhor na cidade fizeram com que os pequenos agricultores vendessem suas terras e fossem para o meio urbano. No entanto, chegando à cidade, tudo era diferente do que eles esperavam, as dificuldades enfrentadas (como a falta de identidade e emprego, por exemplo) fizeram surgir a fome e a miséria: “Meu povo tinha terra, podia plantar/ Colhia alimento, matava sua fome/ Tinha casa de sobra/ Meu povo tinha nome.” A alienação do homem fez com que ele acreditasse nas promessas do capitalismo e vendesse a força do seu trabalho, ao invés de continuar sendo dono da propriedade, tornou-se empregado.

O trabalho, enquanto o homem era possuidor de sua terra, era prazeroso e dava seu sustento. Mas, quando esse mesmo homem vende sua propriedade, passa a ter que vender seu trabalho, e, com isso, passa a sofrer, porque, nem sempre, esse trabalho é suficiente para se sustentar.

Na canção *Brasil Livre* (L8), o eu-lírico clama a luta pela terra e o desejo pela Reforma Agrária, pela cidadania e direitos respeitados. O trabalhador que teve pais proprietários de terra, e que foram convencidos a vendê-la, hoje, luta para ter de volta essa

propriedade, e mais do que a posse, o sonho de ter seus direitos respeitados, ter dignidade e cidadania, tornando-se, assim, seres livres. “Se trabalhamos como assalariados/ Queremos nossos direitos respeitados/ Vamos unidos campo e cidade aos mil/ /Gritamos juntos, terra livre Brasil.” Percebemos aí o que Marx chama de divisão do trabalho e propriedade privada. A opressão sofrida por aqueles que tiveram seus direitos roubados torna esses seres desumanizados, são vistos como animais que não possuem nenhum respeito. Paulo Freire (1987), em seu livro *Pedagogia do Oprimido*, alerta, justamente, para essa desumanização, vista, por muita gente, como normal, pelo fato de serem alienados e oprimidos por um sistema opressor, que rouba, mata, divide e desqualifica.

Freire (1987) expõe que a luta pela desumanização só tem sentido se tivermos consciência de que isso não é vocação histórica, mas uma imposição da classe dominadora, que oprime e tira do ser humano sua consciência e desejo de libertação. Essa liberdade, gritada pelo compositor, é um grito dos oprimidos, um grito de anseio, que vem através de muita luta, muito sangue derramado.

Na canção *Romaria da Esperança* (L9), o eu- lírico, mais uma vez, traz a temática da Reforma Agrária. Nessa ocasião, ela emerge atrelada à temática religiosa, quando expressa que Deus ensinou que a terra deve ser repartida. As romarias da terra são realizadas pela Igreja Católica, junto com o MST e a Pastoral da Terra. Nela os participantes clamam a Deus bênçãos para que a luta se concretize. “O povo pobre se reúne em romaria/ Pra ver de novo a terra em suas mãos/ Vem caminhando, de ônibus e caminhão/ Traz a certeza da conquista de seu chão.” A terra referida é a que foi retirada do povo pobre pelo latifúndio. Mas uma vez, temos presente as lutas de classes, só que essa luta é uma mistura da classe trabalhadora com a religião.

As lutas, que adquirem novas formas de se insurgir contra o capitalismo que impera. O povo, que se une em defesa de seus direitos. O capitalismo, que mata pra não perder suas propriedades. A violência imposta pelos opressores desumaniza e instaura um desejo de recuperar a humanidade e libertar-se. Freire (1987) destaca a importância desse poder nascido no meio dos oprimidos.

Outra canção que fala de romaria é *Romaria da Terra* (L10) além de trazer a luta pela terra, o eu- lírico rememora como o trabalhador perdeu sua terra para os grandes latifundiários. A terra vendida por pequenos valores, ou mesmo tomada, e o trabalhador que migra para a cidade e nela não consegue sobreviver por não conseguir emprego. O eu - lírico destaca a importância da natureza, a considera “obra do criador”. “A terra é sagrada,

feita por nosso senhor/ Ele fez e deu ao homem e também lhes ensinou que é nela que vivemos e a ela abençoou/ É tão linda a natureza, é obra do criador/ E Deus deu a inspiração, o homem fez a plantação foi assim que começou.” O trabalhador tem consciência da importância da natureza, e a enxerga como obra do Criador e bem de todos. Sobre a consciência ecológica, Baldin e Albuquerque (2013) afirmam será necessário, por parte dos cidadãos, o exercício de uma cidadania consciente e capaz de operar o equilíbrio entre a liberdade, a solidariedade e a responsabilidade.

A cidadania ecológica, que é uma forma de ser cidadão e pensar no bem comum, tem sido, cada dia, mais discutida entre os movimentos sociais e os coletivos. A luta por políticas públicas para os menos favorecidos é uma luta do cidadão ativo, da pessoa que tem consciência e sabe da necessidade de se unir em busca de respeito e qualidade de vida.

Na letra da canção *Terra Conquistada* (L27), temos um eu - lírico que vive outra situação. O período de luta pela terra, tão presente no CD 1, *Em Canto Pela Terra*, já não é o mesmo retratado no álbum *Horizontes* (CD 2). O artista já relata a terra conquistada e a felicidade por ter conquistado seu pedaço de chão. “Na terra conquistada,/ Hoje sou aprendiz tenho minha família/ É planta com raiz/ Cuidar da fauna e flora/ Manter a produção// Cidadania é terra/ Vencendo a guerra contra a exploração (bis)”. O autor da música mostra o povo vitorioso contra a exploração. Um povo que se preocupa com a fauna e a flora. A questão ambiental retratada dá notícias de uma natureza explorada por muitos, objeto de consumo. Do ponto de vista do eu -lírico, ela deve ser cuidada, sob a ética ambiental necessária para se preservar, virtude pertencente só a quem tem consciência ecológica.

A natureza tem limites a serem respeitados, e esse respeito é necessário para a sua preservação e a sobrevivência humana. Não devemos ignorar a necessidade de cuidar da fauna e da flora de uma maneira harmoniosa, não para preservar o futuro da humanidade, mas sim garantir o nosso presente. A destruição da natureza tem comprometido, paulatinamente, o nosso presente, e precisamos agir, buscando formas de se fazer uma EA comprometida e ética.

Dentre as muitas canções de Antônio Baiano, temos as de temática ambiental. São letras construídas a partir de suas andanças e do contato com a natureza. O canto em defesa do meio ambiente se mistura com a caminhada do povo que luta pela conquista da terra e clama a Deus, em Romaria, por terra, água e pão. Ao dar vida ao Cerrado, lamentando a sua destruição, ele humaniza esse Bioma tão importante, que, aos poucos, está sendo

devastado, e agonizando diante de nós. Ver o Cerrado e a necessidade de sua preservação é um papel da EA, que, de forma crítica, pode contribuir para se repensar o porquê dessa destruição.

Tem-se, agora, as canções de temática ambiental. São letras simples, mas que são frutos da vivência do autor e da sua consciência ecológica, construída na sua lida com a terra, e na atuação junto ao Movimento dos Trabalhadores Sem Terra. Na canção *A humanidade e o universo* (L2), o eu - lírico apresenta a natureza sendo invadida por novas tecnologias e destruída para satisfazer as necessidades do latifúndio e do capitalismo. “A terra não é mais um dom pra se zelar/ Não tem mais a função social/ É o latifúndio que está a imperar/ E a tendência é/ Acabar com a terra, o nosso céu/ Até o mar/ Com o sol, com a lua, até o ar.”

O processo de acumulação do capital, o desejo de possuir, de ganhar, vai além do desejo de preservar, e, nesse processo, a natureza é vista como um produto que pode trazer dinheiro e aumentar a riqueza dos grandes latifundiários. Nesse sentido, a luta em defesa do meio ambiente é uma batalha de poucos, muitas vezes, de pequenos grupos, que são perseguidos por aqueles que querem destruir.

Na canção *Lamento do Cerrado* (L3), o eu - lírico fala em uníssono com a luta em defesa da natureza, uma luta que ele trava através de sua música, de seu canto. “Eu canto defendendo a árvore/ Belo ornamento da mãe natureza/ Lamento o nosso Cerrado, todo destruído/ Choro de tristeza”. A destruição em massa do meio ambiente merece uma atenção maior, os grupos sociais precisam se ater e buscar meios para conscientizar da necessidade de preservar. No entanto, essa destruição não é vista e criticada apenas por grupos locais. Com a globalização e as mudanças climáticas, grupos do mundo todo se unem na luta em favor da vida do nosso planeta. A ética ecológica é uma discussão que nos alerta para o cuidado com o meio ambiente, na perspectiva em que, cuidando do meio, estamos cuidando de cada um de nós, porque a vida da fauna e da flora nos proporciona permanecermos vivos.

Na canção *Nova romaria* (L24), o eu - lírico lembra que precisamos da terra todo dia, que é da terra que vem nossa sobrevivência. “Nós precisamos todo dia/ terra e água fria pra sobreviver/ Contemplar a natureza/ Ter o pão na mesa pra poder comer”. Loureiro e Layrargues (2013, p. 56) trazem a discussão sobre a ecologia política, que vê a natureza como um meio prioritário para a existência humana. “Na ecologia política a natureza é vista não somente como fonte de recursos, mas como ontologicamente prioritária para a

existência humana [...]”. Ter uma participação e ação nas discussões sobre a problemática ambiental torna o ser humano um ser participante, que interage e vivencia os problemas de seu grupo e do seu meio social. Assim, vê-se que a ecologia política está voltada para a diversidade cultural, voltada à prática social e à satisfação das necessidades.

Que cada ser humano não culpe o outro pela crise ecológica, mas que se coloque como ser participativo dessa sociedade consumidora, que, ao acumular bens, colabora na destruição do planeta. A EA crítica nos ajuda a nos posicionar como seres que integram essa sociedade que se degrada. A interação dos indivíduos e as ações comuns são os fatos que levam aos grandes problemas ambientais. Somos todos partícipes de uma sociedade, e, por isso, não apenas nosso comportamento individual influencia na relação com o planeta, mas as ações coletivas, estas que trazem transformações tanto para a destruição como para a preservação.

Ainda, na canção *Nova romaria* (L24), o eu - lírico enfatiza que terra e água juntas formam o ser humano. “Somos terra e água junto/ todo esse conjunto também é você!”. Leonardo Boff (2002), teólogo e escritor, nos alerta sobre a necessidade de ver a Terra não como o modelo capitalista nos impele a acreditar, algo a ser consumido e destruído para satisfazer nossos desejos. É preciso ver a Terra como um ser vivo que necessita ser respeitado e cuidado.

A falta de ética em relação à natureza, ao planeta Terra, gera a crise ecológica, já citada na introdução. Essa crise está conjugada, entrelaçada à crise econômica, uma vez que o sistema capitalista precisa da natureza como mercadoria para manter a economia viva e ativa. Löwy (2013, p. 79-80), sobre a crise ecológica, afirma que “A crise econômica e a crise ecológica resultam do mesmo fenômeno: um sistema que transforma tudo – a terra, a água, o ar que respiramos os seres humanos – em mercadoria, e que não conhece outro critério que não seja a expansão dos negócios e a acumulação de lucros.”

A crise ecológica mencionada, oriunda do capitalismo destruidor, assola não apenas o meio ambiente, mas suprime vidas. As letras de Antônio Baiano nos remetem a essa crise ecológica e nos alertam sobre essa destruição, trazendo um convite a repensar nossas ações em relação ao meio ambiente. Desvela-se, pelas letras, uma crise que se amplia em consequência da alienação das classes menos favorecidas e da manipulação dos poderosos a manterem suas vontades, impostas à revelia das consequências.

Essa disjunção, que distancia o ser humano de si próprio e da natureza, é destacada por Morin (2006, p. 11), quando ele afirma que “Vivemos sob o império dos

princípios da disjunção, de redução e de abstração cujo conjunto constitui o que chamo de o ‘paradigma de simplificação.’ Ainda, segundo Morin (2011, p. 12), “[...] o pensamento simplificador é incapaz de conceber a conjunção do uno e do múltiplo (*unitat multiplex*). Ou ele unifica abstratamente ao anular a diversidade, ou, ao contrário, justapõe a diversidade sem conceber a unidade”. O pensamento simplificador leva o ser humano a não se reconhecer como parte integrada aos outros seres, e esse pensamento está prejudicando as relações, tanto entre os humanos quanto dos humanos com os demais seres.

A escola desenvolve um papel fundamental na construção de uma inteligência que vai além dos conjuntos pré-estabelecidos ou das chamadas caixinhas. A escola tradicional simplifica e iguala conhecimentos. É preciso perceber que a escola tem o papel de interligar conhecimentos e não separar. A visão fragmentada produzida pela escola tradicional acaba por formar seres com pensamentos fragmentados, que agem como tal nos ambientes onde vivem.

O poder político que aliena e explora: uma denúncia presente nas letras

Antônio Baiano, como líder da Pastoral da Terra e da Comissão Pastoral da Terra, sempre esteve presente em demandas políticas para buscar soluções em relação ao conflito agrário. Foi candidato a deputado e vice-prefeito de Orizona. Essas atuações, juntamente com sua participação na igreja, sua convivência com os “Sem Terra” e com os assentados, renderam algumas composições que mostram o cenário político da época. Por meio de um eu- lírico questionador e observador, Antônio Baiano apresenta essa sociedade e faz seus questionamentos.

Na letra da canção *Vida Brasileira* (L5), o eu - lírico anuncia: “Fiquei sabendo que temos uma fiança/ A responsável da injustiça social/ Pois tudo aquilo que a gente tem produzido/ Manda pro Estados Unidos pra manter o capital.” O capital menos favorecido, que luta contra o grande capital, o capital que deve para outro capital, e essa competição, que torna os pobres mais pobres, sem, muitas vezes, ter o que comer.

Os Estados Unidos, a grande potência capitalista mundial, emprestam dinheiro aos países mais pobres, cobrando desses países juros altíssimos, que impedem o seu desenvolvimento. Assim é o Brasil retratado por Baiano, um país devedor, que vive uma grande injustiça social em consequência da sua dívida externa, e os Estados Unidos, um grande monopólio sugador dos países pobres.

A escola tem papel fundamental na construção de um pensamento libertador e crítico. A opressão sofrida, imposta, poderá ser exterminada mediante uma educação libertadora, humanizadora. Fazemos-nos humanos quando construímos nossa história. O capitalismo tenta impedir a construção de uma história que seja diferente da imposta, tenta impor uma cultura que venha da classe dominante. Ter conhecimento desses fatores faz com que o império do capitalismo não reine soberanamente sobre todos.

A luta pela humanização é, para Paulo Freire (1987, p. 31), a superação da contradição opressor-oprimido. Sair da opressão significa conhecer sua história e lutar para que haja uma mudança, para que se estabeleça uma igualdade, em que todos são considerados humanos.

Na canção *Grito de Paz* (L6), temos uma letra que trata tanto da questão política quanto da questão ambiental. Na primeira estrofe, o eu-lírico apresenta a destruição da natureza e questiona quem é o responsável por essa destruição. “Quem foi que disse que temos que acabar/ Com a natureza e toda a plantação/ Agora falam em ecologia/ Virou mania, será a solução./ Só tem fumaça, poluição./ Quem é culpado pela destruição?” Esse questionamento sobre quem destrói e porque destrói constitui um pensamento da Educação Ambiental política. Sobre a Educação Ambiental política, Reigota afirma que ela precisa ser entendida “[...] no sentido de que ela reivindica e prepara os cidadãos para exigir e construir uma sociedade com justiça social, cidadanias (nacional e planetária), autogestão e ética nas relações sociais e com a natureza” (REIGOTA, 2014, p. 14).

Pensar a EA como crítica é “olhar para a organização do espaço sociambiental com reflexo da dialética constitutiva do real, o processo de totalização na interação entre local e global, entre a luta de classes, entre desenvolvimento e subdesenvolvimento”. (GUIMARÃES, 2007, p. 28). É necessário se pensar uma ação educativa que transforme a realidade, que conduza à práxis e ao comprometimento com o processo de transformação social. A participação dos indivíduos, dentro da sociedade, é destacada, aprendendo, opinando, lutando contra a hegemonia que quer dividir e oprimir.

A construção de uma sociedade justa e o sonho de uma vida tranquila e de paz a todos. Nessa acepção, ainda, na canção *Grito de paz* (L6), o eu - lírico alerta sobre a violência, a fome e a morte, que imperam em um mundo em que países ricos travam guerras contra os países pobres, principalmente, para tirar deles as riquezas naturais como o petróleo, o ouro preto, que divide nações. “A nossa vida tende a se acabar/ Pela violência, fome e exploração/ Se a ONU fala, é tricandeira/ Estoura guerra em todas as

fronteiras/ O imperador e o presidente?/ A juventude morre indigente!” A violência é um fator comum quando o assunto é dinheiro e divisão de terras. Ela pode atingir homens, mulheres, crianças, jovens, e, até mesmo, a natureza, que se torna um meio de ganhar dinheiro por parte dos exploradores.

A força do capitalismo usurpa e viola todos os direitos, não importando os meios que irá usar para alcançar seus objetivos. Essa força destruidora banaliza o ser humano, levando-o a uma pobreza material e espiritual que o torna sujeito das ações sem reagir e sem rebater. Silencia, aceita, obedece. A violência que o cerca o mutila de vontades, desfaz sonhos e empobrece a alma. Brito *et al.* (2007, p. 774) discorrem sobre essa exploração humana, que acontece por meio da exploração do seu trabalho e dos seus direitos. A banalização de valores e do trabalho traz em seu bojo um tipo de violência que torna comum e que esmaga a vida dos pobres trabalhadores, principalmente, do meio rural.

A canção *Por quê?* (L7), de certa forma, traz uma continuação do questionamento da música “Grito de paz”, cuja tônica é a autoridade dos políticos, que impera sobre a vontade do povo. O eu - lírico questionador quer saber o porquê dele não ter direito a votar, por que o Brasil doa terra para outros países e deixa o povo brasileiro sem terra para plantar. “Por que que a vida inteira eu vivo só de pensar/ Se são muitos projetos e nenhum posso assinar/ Só eles lá por cima têm direito de votar?/// Eu não sei por quê?”

A crise política exclui as pessoas e leva à crise ecológica. Essa crise não acaba com o capitalismo, Löwy (2013, p. 79) afirma que “por mais que acabe o petróleo, ou que se esgotem outras fontes essenciais da riqueza, o sistema continuará a explorar o planeta, até que a própria vida humana se encontre ameaçada”. Uma organização social unida, e que enfrente o capitalismo de frente. Mas todos sabem o quanto é difícil essa luta, o quanto é difícil formar pessoas conscientes, capazes de lutar por seus direitos e pela sobrevivência do planeta.

Na canção *Eu sou capaz* (L18), temos um eu - lírico esperançoso na capacidade transformadora do ser humano “Eu sou capaz de transformar o mundo/ Em um segundo, poder pensar/ Eu sou capaz de mudar meu país/ Ver a justiça recomeçar/ Pois a justiça é requisito, está escrito só praticar.” Uma justiça igualitária que traga mudança para nosso país.

O papel da mulher nessa sociedade que reivindica é muito importante. As mulheres têm tomado frente em muitas situações, e graças a elas a sociedade tem mudado o ponto de vista em relação a muita coisa. Na canção *Vêm mulheres* (L22) o eu lírico

conclama as mulheres a refazer nossa história e a lutar pela liberdade. “O vêm mulheres, vem se encontrar, encontre forças, precisas te libertar (bis).” O empoderamento feminino, tão necessário na construção de uma sociedade mais justa, uma vez que as mulheres, na sua maioria, vivem subjugadas a condições desumanas, por serem consideradas inferiores aos homens.

A luta das mulheres contra o patriarcado, e esse domínio do homem ao longo de décadas, já desencadeou a criação de leis como, por exemplo, a Lei Maria da Penha, e também a organização feminina, tanto nas associações, como nas universidades. Segundo Faleiro e Farias (2017, p.837), “O patriarcado é um modo de organização das relações sociais cuja lógica de divisão de trabalho entre homens e mulheres direciona o que cada gênero deve e pode fazer, conferindo-lhes espaços e atividades determinadas, geralmente tidas como naturais.” É uma luta que sempre tem um grande embate social e político devido ainda à concepção machista que reina no Brasil e em muitas partes do mundo. Muitas vítimas, muito sangue derramado, é uma luta que começa com a educação e a escolarização, no intuito de mostrar que a mulher o papel da mulher dentro da sociedade e o seu valor como ser humano.

Na canção *Reconstrução* (L23), o eu - lírico traz novamente a sociedade dividida e desigual, uma sociedade competitiva. “Papai dei uma volta na rua/ Andei pela cidade nesta sociedade tive decepção/ Não ví a solidariedade, percebia maldade vejo competição/ Pergunto pela juventude/ Vida em plenitude perco a direção.” A reconstrução da sociedade capitalista, que não depende apenas de um, mas de toda uma sociedade organizada e consciente. Quem vive dentro de uma sociedade não permanece imune ao que ela oferece. Somos seres sociais e históricos, que vivemos sob a influência do meio que nos cerca. A reconstrução de um determinado lugar e de uma determinada situação se torna impossível se ela não for o desejo da maioria.

O ritual e a mística como fonte de saber popular

A vida de Antônio Baiano sempre foi permeada pela religiosidade. Seu pai reunia a família e rezava o terço, juntos eles participavam das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), e, assim, ele foi construindo um profundo relacionamento com Deus. Essa relação foi consumada com a formação em filosofia e com as pastorais em que atuou e continua atuando. Em seus dois CDs, há um número grande de canções de temática religiosa, com

diversas abordagens. Mas, em todas, encontramos a presença da temática “luta pela terra” e da questão ambiental.

No CD 1, *Em Canto Pela Terra*, temos a canção *Romaria da Terra*. Nela o eu - lírico relata um momento em que o povo se reúne para alimentar sonhos e utopias, para debater problemas e buscar soluções. “Romaria da terra, romaria do amor/ Romaria de um povo sofredor!/ Romaria de Deus, romaria da vida/ Romaria da moradia”. O povo sofredor, nessa cena, se reúne e clama por vida, terra, pão e moradia.

Os movimentos sociais se organizam e têm uma forma particular de educar, a força formadora desses movimentos é rica de rituais e de místicas que representam toda a luta e todo o seu trabalho. É a pedagogia que vem da terra, dos frutos colhidos. A Romaria da terra é um ritual criado pela Igreja Católica, e que, junto com o MST, leva a todas as pessoas um aprendizado diferente, é um ritual de denúncia, de louvor e de fortalecimento. Sobre a força desses rituais, Arroyo (2014, p. 85) salienta que “Esse é um dos aprendizados que os coletivos de trabalhadores (as) em movimentos trazem para o pensamento pedagógico”. A força desses rituais, que mostra a identidade dos movimentos sociais, e que caminha em busca da humanização, do direito de ser visto como gente e ter os mesmos direitos.

Na canção *Sal e luz* (L14), o eu - lírico faz referência ao texto bíblico (Mt 5, 13-16), que aborda sobre o sal como tempero que dá sabor, e constrói uma letra em que, metaforicamente, usa o sal como fonte de transformação, a dar sabor à luta do povo oprimido. “O sal que traz a igualdade/ O sal na mesma comida/ O sal que traz o sabor/ Na vida que brota mais vida/ A luz da estrela guia mostra-nos a direção/ A luz que guia o oprimido/ Pra terra que faz brotar pão.” O sal, com sua importância, proporcionar sabor ao alimento e a luz que tem a função de guiar, de conduzir o povo oprimido em busca da libertação. Os símbolos presentes nos movimentos sociais, que permitem uma reflexão, são algumas formas de pedagogias ilustradas. A luta constante do trabalhador, do oprimido, se manifesta através de suas místicas e rituais, frente a uma opressão que não respeita e que menospreza os saberes do povo, ricos de pedagogias e aprendizados.

Na canção *Voz de criança* (L15), o compositor apresenta uma criança como eu - lírico, uma criança agradecida pela vida e pela felicidade. “Eu sou uma criança feliz/ Porque você me criou/ Eu sinto alegria na vida/ Porque para o mundo eu sou como uma flor.” A junção de religiosidade e denúncia social se faz presente em todas as músicas de Baiano. Na canção *Mãos na massa* (L16), o eu - lírico reforça a importância da união na

luta pela libertação. “Ponha suas mãos na massa/ Venha participar da festa recriação/ No mundo que Deus nos dá./ E quando você chegar irmão/ Encontrará outras mãos/ A vida e a esperança será fermento, libertação”. Na Romaria o povo que se reúne, ao se juntar, leva consigo suas angústias, seus temores, mas não deixa de ter esperança e crença num futuro melhor. A libertação tão sonhada está manifestada nos diversos rituais e encontros pelo país a fora. *Mãos na massa*, trabalhadores que se reúnem e juntos põem a mão na massa para a conquista de uma vida mais digna. O mutirão, a união, retratam a busca de cidadania e respeito.

No CD 2, *Horizontes*, tem-se a presença de seis canções com temática religiosa. A primeira é *Vem celebrar* (L17), que representa um convite à celebração, celebração da partilha, do amor. Mas, além da celebração, o autor traz novamente a importância dos oprimidos se unirem, formarem uma irmandade e louvar ao Senhor. “Vem celebrar / Vem louvar o senhor celebrar a partilha do amor em comunidade / Vem celebrar vivendo na irmandade / Vem louvar o senhor com todos os oprimidos / Vem celebrar na fraternidade / Vem louvar o senhor.” Celebrar em romaria, caminhar lado a lado e construir outras formas de ensinar. Cada encontro é mais que uma celebração, é um encontro de diversidade, diversidade cultural e de saberes que trazem novas teorias pedagógicas, novas formas de se aprender e de se ensinar.

Outra canção religiosa é *Profeta Elias* (L20). Nessa letra o eu - lírico exalta a importância do profeta que viveu antes de Cristo, um homem obediente a Deus, e que lutou pelos pobres e oprimidos. “O profeta Elias / O homem de Tesbi homem de outrora / No tempo de Acab foi boca de Deus / Lá em Israel foi homem dos pobres/ Foi homem de Deus. // Seu Deus é Javé / o Deus da esperança que ouve o teu povo e traz confiança (bis).” A luta pela justiça, pela igualdade social, não é uma luta recente, desde os primórdios, sempre houve divisão de classes, e os que fazem parte das classes menosprezadas se juntam em luta pela liberdade e pelo direito de ter um pouco mais. Mas a luta não é apenas pensando em ter bens, mas em ter direito à cultura, a ter identidade, a ser visto como humanos.

As lutas, ao longo de séculos, são processos produtivos de educação, cultura e identidades, são lutas que buscam humanizar as pessoas, torná-las, não apenas para o opressor, mas, para elas mesmas, seres humanos capazes, idealizadores de sonhos e concretizadores de vontades.

Na letra da canção *Hoje estarás comigo no paraíso* (L21), faz referência à fala de

Jesus com o ladrão arrependido no alto da cruz. O eu lírico traz, para a nossa realidade, o Cristo, que morreu pelos pobres e excluídos, de quem a cruz representa liberdade, fim da escravidão. “O Cristo juventude / Ao povo desperta/ Morre entre os excluídos e a vitória é certa / Hoje estarás comigo no paraíso!” A bíblia é fonte inspiradora dos que lutam pela terra. “São utilizados textos bíblicos que se entrelaçam com o direito e a lei, encorajando os camponeses a lutar contra os poderosos” (BOGO, 2003, p. 41). A palavra de Deus fortifica na luta contra os poderosos e na busca dos direitos.

Outra letra de temática religiosa é *Sou catequista* (L25), em que o eu - lírico ressalta a missão de ser catequista e ensinar a quem quer aprender as palavras do Cristo libertador. “Faz muito tempo que o Cristo veio ao mundo/ Não me esqueço um segundo daquilo que ele ensinou/ Suas palavras, suas ações e sua vida/ Para quem era oprimida/ Demonstrou tamanho amor/ **Sou catequista, vou ensinar/ Para jovens e adultos e pra quem quer escutar (negrito – refrão)**”.

A ligação do texto bíblico com a realidade, com a luta pela terra, se faz presente na letra, *Terra prometida* (L28), da mesma forma que o Deus de Israel prometeu uma terra onde corre leite e mel ao povo de Israel. Na canção mencionada, o eu lírico faz referência a essa passagem bíblica, trazendo-a para a realidade dos trabalhadores sem terra. “Em busca de uma promessa/ Pronunciada por Deus Javé/ Um povo de peregrino, marcha confiante ao teu altar/ Orando e pedindo a Deus que tenha terra para plantar/ Não deixe senhor dos pobres, teu povo santo se acabar// **Vimos para buscar/ Uma terra pra plantar/ Trazemos nossa semente / no chão da gente vamos semear (negrito-refrão)**”. Um povo que sonha com uma terra para plantar, e que pede a Deus força e proteção para que seu povo não se acabe. A luta dos trabalhadores perpassa gerações e se modifica na medida em que o tempo passa, mas é uma luta constante e sempre há a necessidade de conhecer a história das lutas do passado, a fim de fortalecer as lutas do presente.

Na última letra de temática religiosa, o compositor traz a canção *Hino da Pastoral da Terra* (L29), e posiciona o eu lírico como Pastoral da Terra. Somos, e, se somos, temos a missão de, juntos com o povo sofrido, com os pobres, sem terra, transformar e mudar a sociedade. “Somos pastoral da terra, nas baixadas e nas serras/ Sendo presença solidária/ Vivendo o ecumenismo/ Com os pobres desta terra// **Com profecia, fraternidade/ É missão transformadora pra mudar a sociedade (negrito - refrão)**”. A história de luta alimenta o respeito e a vontade de que a luta continue, ao passo que a organização em movimentos agrega participantes que acreditam na força da união e na missão de

transformar a sociedade. Bogo (2003, p. 28) acredita na beleza da construção da história como incentivo para o surgimento de novos movimentos. A teoria da organização é pautada no conhecimento da história para se alcançar objetivos futuros, e o vínculo histórico interliga gerações, gera sonhos. “Os poderosos temem a História, já os oprimidos dependem dela para desenhar sobre seu corpo o mapa do fim da opressão” (BOGO, 2003, p. 29).

A Educação do Campo cantada por Antônio Baiano

A Educação do Campo é uma das lutas de Antônio Baiano. Um dos fundadores da Escola Família Agrícola de Orizona, GO, ele conhece bem os princípios dessa educação e sua importância, por isso, ele canta as maravilhas dessa nova escola.

No CD 2, *Horizontes*, temos a canção *Nova escola* (L26), a escola do campo que trabalha com a pedagogia da alternância, uma escola que une teoria e prática. “Somos escola família/ Que sonha prosperidade/ Produção na propriedade/ Por isso sua filosofia Sua pedagogia é integração/ Une teoria e prática/ Faz alternância na educação/ **Escola família/ a escola que todos desejam/ Que a gente almeja pra ser cidadão/ Escola família/ Um jeito novo de aprender/ De saber viver nova educação.**” A educação do campo é inovadora e desafiadora, pois propõe um novo jeito de ensinar e aprender.

Aqui se traz à baila uma educação que surge por meio da luta dos movimentos sociais e da necessidade de se valorizar a cultura das classes populares. O que vem do campo tem tanto ou até mais valor do que o que vem da cidade. A valorização da permanência do homem no lugar onde habita, no meio dos seus. Os movimentos sociais sempre lutaram por uma escola que valorizasse o homem do campo com sua cultura e seus saberes.

A Pedagogia da Terra, a Pedagogia do bem viver, ressalta-se uma Pedagogia que contemple o aluno oriundo da zona rural, ou até mesmo, que vá até esse aluno através das escolas do campo. Sobre Pedagogia da Terra, Gadotti afirma que

[...] o debate a respeito de uma Pedagogia da Terra, que compreenda a ecopedagogia e a educação sustentável. Esse debate já teve início com o surgimento do conceito de “desenvolvimento sustentável” utilizado pela primeira vez pela ONU em 1979, indicando que o desenvolvimento poderia ser um processo integral que deveria incluir as dimensões culturais, éticas, políticas, sociais, ambientais e não somente as dimensões econômicas (GADOTTI, 2005, p. 17).

A Pedagogia da Terra nada mais é que uma educação sustentável, uma educação que possibilite ao aluno perceber a importância de se respeitar e amar a Terra que nos dá alimento e vida. As escolas do campo, como a citada pelo eu - lírico, trabalham junto com essas famílias e são situadas na zona rural, com o objetivo de valorizar o trabalhador rural e sua forma de viver, ensinar e aprender, de humanizá-lo.

Considerações Finais

Analisar as letras de Antônio Baiano nos permite conhecer um pouco da luta dos trabalhadores rurais pelo direito de ter terra e pão, o direito de ter direitos. Percebe-se, ao longo do estudo, que a luta pela terra é o sonho dos trabalhadores do campo de poderem, com dignidade, plantar e colher o alimento que brota do chão. A terra, que, para os grandes latifundiários, é um recurso a ser explorado, para o pequeno agricultor, é sagrada e fonte de vida.

O eu - lírico apresenta as romarias da terra, que, além de ser uma expressão de fé, representam um encontro daqueles que acreditam que a união dos trabalhadores pode levar à conquista de seus direitos e sonhos. Romarias que percorrem o país e rememoram os mártires que deram a vida em defesa dos pequenos, dos grupos menosprezados. O sangue derramado de homens e mulheres, que, ao invés de causar medo, é um incentivo para a luta continuar.

A natureza está presente em três letras, com mais intensidade (A humanidade e o universo, Lamento pelo cerrado e Nova romaria). No entanto, nas letras em que fala da luta pela terra, de religiosidade, a natureza também se faz presente, porque o eu - lírico tem a consciência de que, para produzir, plantar, não é preciso destruir totalmente a natureza. Tem-se, ainda, através das letras analisadas, a denúncia do eu - lírico a respeito do latifúndio, que destrói a natureza e subjuga os menos favorecidos a sofrer com essa destruição.

A luta, a morte, a esperança, são temas presentes na obra de Baiano, que nos leva a ver como o capitalismo, para satisfazer seus interesses, a tudo destrói e mata. A alienação, que leva as pessoas menos esclarecidas a venderem suas terras e a aceitarem salários injustos e opressão, é bastante presente nas mensagens do compositor. A perda da identidade, prevalecendo dentro da sociedade capitalista, a identidade branca, a cor branca europeizada, que é a única valorizada e respeitada. Com isso os negros, indígenas, se tornam subalternos e desvalorizados.

No entanto, as letras trazem também a conquista. Depois de muita luta dos movimentos dos trabalhadores, muitos desses conseguiram o seu pedaço de chão, onde os homens e mulheres do campo cultivam e são felizes. Evidencia-se a importância dos movimentos sociais na luta pelo reconhecimento e a valorização de suas identidades. Realidade essa que, nos últimos anos, tem apresentado mudanças, graças às lutas dos movimentos negros e à possibilidade de negros entrarem na Universidade.

Não podemos nos esquecer de que todos os enunciados de luta pela terra e pela religiosidade, materializados em forma de resistência e de fé, possuem sentidos ambivalentes. As músicas procedem de Antônio Baiano e são construídas a partir de sua vivência e de sua luta, no entanto, são dirigidas a todos aqueles que são oprimidos, para que possam se empoderar e acreditar que podem lutar por seus sonhos. A música é um instrumento lúdico de ensinar, mas também é um meio de denúncia e uma expressão de fé. As músicas de Antônio Baiano exercem esse duplo papel, evangelizar e denunciar. Dessa forma, detectou-se quais foram os temas mais utilizados pelo artista no decorrer de sua obra musical, e, por conseguinte, compreendemos mais profundamente o sentido do discurso proferido pelo compositor popular, cujas músicas, — como elementos artísticos de grande alcance popular — podem apresentar significativa colaboração, tanto no processo de formação de professores quanto na propagação dos preceitos da Educação Ambiental ante a população em geral.

As canções de Antônio Baiano representam a identidade e o pertencimento do eu-lirico à vivência cotidiana dos trabalhadores rurais, assim retrata detalhes sobre o ambiente em que vivem, suas dores e vitórias. São canções que trazem mais que encantamento e diversão, trazem a realidade de um povo e, é um convite/provocação a nos unirmos à luta do eu-lirico em defesa da natureza e das pessoas do campo. A EA vai muito além de apenas ler e escrever sobre ela, é necessário vivenciá-la no nosso dia a dia por atitudes que nos fazem diferentes ao olhar do outro, a canção “Lamento do Cerrado” é o lamento que ecoa e que precisa ser ouvido por TODOS.

Referências

ANDRADES, Tiago Oliveira de; GANIMI, Rosângela Nasser. Revolução Verde e a Apropriação Capitalista. **CES Revista**, v.21. Juiz de Fora, 2007.

ARROYO, Miguel Gonzales. **Outros sujeitos, outras pedagogias**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. 336 p.

BALDIN, Nelma. ALBUQUERQUE, Cristina. Cidadania ecológica. Conceções e práticas de estudantes universitários. **Edição electrónica**. URL: <http://journals.openedition.org/sociologico/681> DOI: 10.4000/sociologico. 681. ISSN: 2182-7427. Editora CICS. NOVA - Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais da Universidade Nova de Lisboa.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Portugal: Porto Editora, 1994.

BOGO, Ademar. **Arquiteto dos sonhos**. São Paulo: 2003. 452 p.

BRITO, Felipe; ALVES, José Cláudio; LOBO, Roberta. Violência Social. In: CALDART, Roseli *et al.* (Org.). **Dicionário da educação do campo**. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio: Expressão Popular, 2012. p. 770-777.

BRASIL. Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre Educação Ambiental e institui a Política Nacional de Educação Ambiental, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 28 abr. 1999.

DUARTE, Camila Fernandes; HERDT, Bettina; SOLDAN, Angelita Machado; PROCIDONIO, Maristela; COSTA, Milena Mattoso da; GROFOSKI, Luan César. Educação Ambiental: A música como meio para expressar as noções de meio ambiente. **Revbea**, São Paulo, V. 11, Nº 4: 60-77, 2016.

FALEIRO, Wender; FARIAS, Magno Nunes. Inclusão de mulheres camponesas na universidade: entre sonhos, desafios e lutas. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 43, n. 3, p. 833-846, jul./set., 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987. 107 p.

GADOTTI, Moacir. Pedagogia da Terra e Cultura de Sustentabilidade. *Revista Lusófona de Educação*, 2005, 6, 15-29.

GOHN, Maria da Glória. **Educação Não formal e cultura política**: impactos sobre o associativismo do terceiro setor. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2008. 104 p.

GUIMARÃES, Mauro. Educação ambiental Crítica. In: MELLO, Soraia Silva; TRAJBER, Rachel. (Coord.). **Vamos cuidar do Brasil**: conceitos e práticas em educação ambiental na escola. Brasília: Ministério da Educação: Ministério do Meio Ambiente: UNESCO, 2007, p. 25-34.

LEONARDI, M. L. A. **A educação ambiental como um dos instrumentos de superação da insustentabilidade da sociedade atual**. In: CAVALCANTI, Clóvis. **Meio ambiente, desenvolvimento sustentável e políticas públicas**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1999. cap. 23, p. 405.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo; LAYRARGUES, Philippe Pomier. Ecologia política, justiça e educação ambiental crítica: perspectivas de aliança contra-hegemônica. **Trab. Educ. Saúde**, Rio de Janeiro, v. 11 n. 1, p. 53-71, jan./abr. 2013.

LÖWY, Michael. Crise ecológica, crise capitalista, crise de civilização: a alternativa ecossocialista. **CADERNO CRH**, Salvador, v. 26, 67, p. 79-86, Jan./Abr. 2013.

MAHEIRIE, Katia. Processo de criação no fazer musical: uma objetivação da subjetividade, a partir dos trabalhos de Sartre e Vygotsky. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 8, n. 2, p. 147-153, 2003.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Tradução Eliane Lisboa. 4.ed. – Porto Alegre: Sulina, 2011.120 p.

NUNES, Talita Rodrigues. **A influência da música sobre as representações sociais de meio ambiente no contexto de uma exposição científica**. 2005. 156f. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, 2005.

REIGOTA, Marcos. **O que é educação ambiental**. São Paulo: Brasiliense, 2014. (Coleção Primeiros Passos) 112 p.

PESSOA, Vanira Matos; RIGOTTO, Raquel Maria. Agronegócio: geração de desigualdades sociais, impactos no modo de vida e novas necessidades de saúde nos trabalhadores rurais. **Rev. bras. saúde ocup.** vol.37 nº125, São Paulo jan./jun. 2012.

SILVA, Denise Gomes da. **A importância da música no processo de aprendizagem da criança na educação infantil**: uma análise da literatura. TCC, Graduação em Pedagogia- Universidade Estadual de Londrina, 2010, P.1-42.

SORRENTINO, Marcos. De Tbilisi a Tessaloniki, a educação ambiental no Brasil. In: JACOBI, P.et al (Orgs.). **Educação, meio ambiente e cidadania**: reflexões e experiências. São Paulo: SMA. 1998. p.27-32.

Submetido em: 27-02-2020

Publicado em: 21-08-2020.